



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA

CURSO DE JORNALISMO

VALDISE ALVES DE OLIVEIRA

Maceió  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA

CURSO DE JORNALISMO

VALDISE ALVES DE OLIVEIRA

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

Tecendo memórias: Reportagem fotográfica sobre as ruínas da indústria têxtil em Rio Largo

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janayna Ávila

Maceió  
2024

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

O48t Oliveira, Valdisé Alves de.  
Tecendo memórias : reportagem fotográfica sobre as ruínas da indústria têxtil em Rio Largo / Valdisé Alves de Oliveira. – 2024.  
26 f. : il. + 1 folheto (27 f.)

Orientadora: Janayna Ávila.  
Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 25-26.

1. Fotojornalismo. 2. Indústria têxtil - Rio Largo (AL). I. Título.

CDU: 070:677.21(813.5)

VALDISE ALVES DE OLIVEIRA

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

Tecendo memórias: Reportagem fotográfica sobre as ruínas da indústria têxtil em Rio Largo.

Relatório Técnico submetido ao corpo docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janayna Ávila – Ufal Orientadora

Banca Examinadora:

TITULAR: Prof. Dr. Júlio Arantes.

Examinador

TITULAR: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel do Monte.

Examinador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus Cristo, por ser meu farol nos dias mais nebulosos, presente como uma brisa nos momentos de dúvida e solidão. A Deus pelas pessoas incríveis que ele coloca diariamente no meu caminho e todo aprendizado que junto vem com elas. Ao senhor sou grata por estar sempre presente nos momentos de aflição e júbilo, pelo cuidado e milagres que o senhor tem operado na minha vida para que meus sonhos se realizassem.

À minha melhor amiga/mãe por todo amor e dedicação, por me esperar na porta do colégio todas as vezes que fui prestar vestibular, por despertar em mim o amor pelos livros. Obrigada por seus conselhos e puxões de orelhas quando necessário, por nossas conversas, abraços e cuidado, por acolher e lutar comigo pelos meus sonhos como se fossem seus. Obrigada por não me deixar desistir. Amo você.

À minha irmã, minha inspiração, por seu companheirismo e apoio, obrigada por me lembrar sempre que preciso de que sou capaz, por nossas conversas profundas até altas horas da madrugada e conselhos. Por ser irmã é meio psicóloga nas minhas crises de ansiedade. Amo você.

À minha família, pai, tios e tias, primos e primas, vocês fazem parte da minha história, fazem parte do que sou, minhas primeiras lições de vida aprendi com vocês, uma delas foi quebrar ciclos... Obrigada!

Às minhas amigas de infância Janaina Cavalcante, Luana Pereira, Rafaela Xavier, Renata Dionizio e Ana Karolina Arcanjo, que torcem pelo dia em que vou aparecer apresentando o jornal, obrigada pelos risos, pelas conversas e momentos incríveis compartilhados com vocês ao longo da minha vida. Admiro vocês e suas singularidades.

A Daniela Holanda por sua amizade, apoio e disponibilidade, aceitando, sempre que preciso, ser minha modelo fotográfica, me ajudando a treinar e ganhar mais confiança na fotografia. A Carina Reis minha professora de dança do ventre, suas aulas são minha terapia, é impossível descrever em poucas palavras o quanto elas me fazem bem e o quanto te admiro, como mãe atípica, psicóloga e profissional de dança.

Aos amigos que fiz durante a graduação, minha admiração e apreço em especial ao João Brito, quem eu tive a felicidade de conhecer durante o meu período de estágio, muito obrigada amigo por todo carinho, incentivo e apoio, és uma pessoa incrível.

E por fim, mais não menos importante, aos meus professores por compartilhar seus conhecimentos comigo, por seu tempo e dedicação para nos levar o conhecimento da melhor forma possível, por me ensinar a importância social que o profissional de jornalismo exerce na sociedade e me preparar para cumprir essa missão. Obrigada.

## RESUMO

A reportagem fotográfica *Tecendo memórias: Reportagem fotográfica sobre as ruínas da indústria têxtil em Rio Largo* é um registro documental do que restou do sítio arquitetônico da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), em Rio Largo, município alagoano. A falta de conservação dos prédios históricos da cidade, o aparente declínio da cultura da região e a ausência de políticas de preservação da memória local, foi a principal motivação para a elaboração desta documentação. Além de se propor a fazer um resgate da história do sítio arquitetônico da CAFT, a reportagem fotográfica busca entender as transformações urbanas sofridas ao longo do tempo. É importante salientar o vínculo pessoal que a autora deste projeto possui com o tema, mediante a sua vivência na cidade, desde a infância até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo. Rio Largo. Alagoas. Indústria têxtil.

## **ABSTRACT**

The photo report *Weaving memories*: Photo report on the ruins of the textile industry in Rio Largo is a documentary record of what remains of the architectural site of the Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), in Rio Largo, a municipality in the state of Alagoas. The lack of conservation of the city's historic buildings, the apparent decline of the region's culture, and the absence of policies to preserve local memory were the main motivations for producing this documentation. In addition to proposing to rescue the history of the CAFT architectural site, the photo report seeks to understand the urban transformations that have occurred over time. It is important to highlight the personal connection that the author of this project has with the subject, through her experience in the city, from childhood to the present day.

**KEYWORDS:** Photojournalism. Rio Largo. Alagoas. Textile industry.

## SUMÁRIO

|                                                      |    |
|------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                      | 08 |
| As Fábricas.....                                     | 12 |
| 1. OBJETIVOS.....                                    | 16 |
| 1.1 Geral.....                                       | 16 |
| 1.2 Específicos.....                                 | 16 |
| 2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....                         | 17 |
| 3.PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS.....          | 19 |
| 4.PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO..... | 22 |
| 4.1 Construção da reportagem.....                    | 22 |
| 4.2 Detalhamento técnico.....                        | 22 |
| 5. Considerações finais.....                         | 24 |
| 6. REFERÊNCIAS.....                                  | 25 |

## INTRODUÇÃO

A reportagem tem como intuito traçar a história do legado deixado pela Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), na cidade de Rio Largo, região metropolitana de Maceió, localizada a 28 quilômetros da capital, por meio de um ensaio fotográfico, com o propósito de compor uma exposição do patrimônio industrial têxtil.

Além de se comprometer a resgatar a trajetória da CAFT, a matéria tem como objetivo compreender as transformações urbanas que ocorreram ao longo do tempo, por meio de um registro fotográfico do patrimônio arquitetônico remanescente da CAFT, na cidade. A deterioração dos edifícios históricos no município e a falta de políticas de conservação da memória local foram as principais motivações para a elaboração desta reportagem fotográfica.

Devemos pensar na memória como uma maneira de gerar símbolos, representa uma esfera essencial que forma identidades e, assim, garante a continuidade (BARROS, 2009). A manutenção da lembrança desses locais, mesmo que por meio de fotografias, serve como uma maneira de garantir que essa fase da história das indústrias têxteis em Rio Largo não caia no esquecimento.

Para além dessa questão primordial que relaciona “memória”, “espaço” e “tempo” – e já empreendendo uma aproximação em relação aos demais aspectos que situam a Memória diante de suas interações e de seus contrastes em relação à História – devemos ainda pensar tanto na importância da Memória Individual enquanto material para a História (caso da História Oral), como no inquestionável valor da Memória Coletiva nesse mesmo sentido (o Patrimônio Histórico como fonte, e também os inúmeros “lugares de memória”). A apropriação da memória não só como fonte, mas também como objeto de estudo para a historiografia (BARROS, 2009)

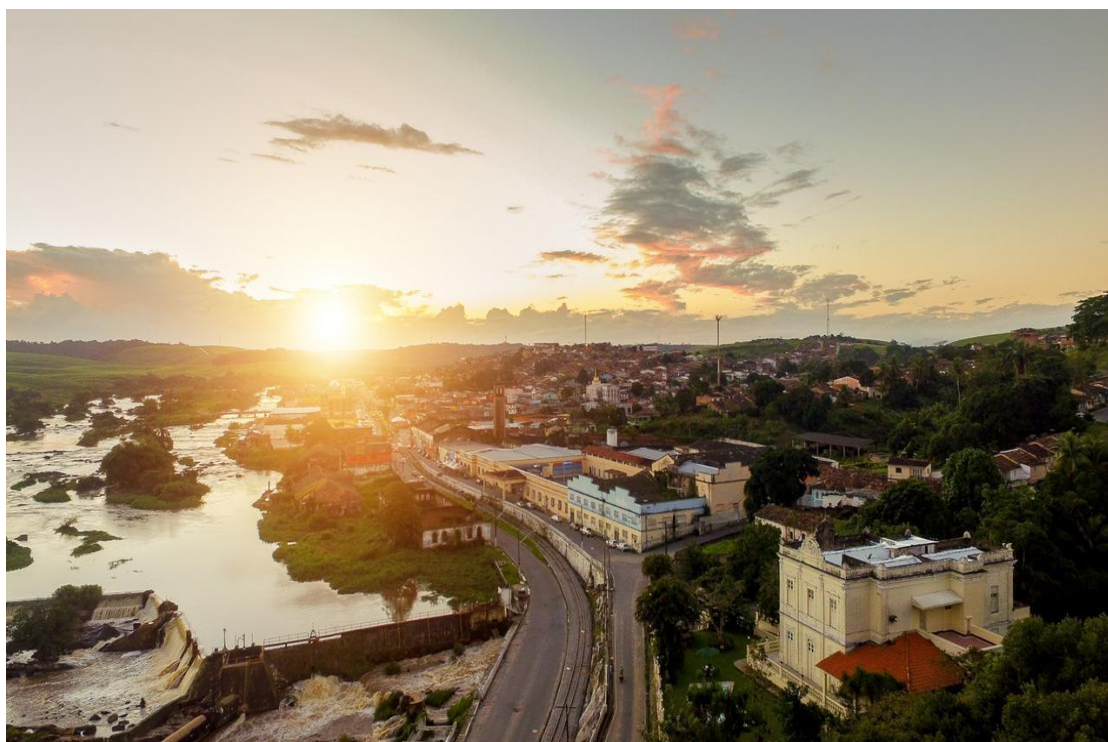
Nos dias atuais, a memória não pode mais ser vista, em uma perspectiva metafórica, como um "espaço inerte" onde se acumulam recordações; ao contrário, deve ser entendida como um "território", um espaço que é dinâmico, político e simbólico, onde interagimos de forma criativa e ativa com as memórias e os esquecimentos, que, a cada momento, reinstituem o Ser Social (BARROS, 2009).

Rio Largo é a terceira cidade mais populosa do estado de Alagoas, com aproximadamente 93.927 habitantes, de acordo com dados do último censo do IBGE,

realizado em 2022, sua história é marcada por desastres naturais, decorrentes das enchentes do rio Mundaú, violência e escândalos políticos.

O nome da cidade originou-se de um engenho de açúcar existente em um trecho do rio Mundaú que apresenta maior largura, onde posteriormente foi construído parte das edificações da Companhia Alagoana de Fiação e Teceido (JUNIOR et al, 2020).

Figura 01 – Rio Largo vista de cima. À direita, a Fábrica Progresso e a casa dos proprietários



Fonte: Site da prefeitura de Rio Largo. Autoria da foto: Junior D'Lima/Ascom RL.

Na década de 30, a localidade experienciou o auge industrial, cultural e educacional, em resultante da construção da linha férrea, em 1884, e a instalação de duas unidades de fábricas têxteis, da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido, e das usinas de cana-de-açúcar Santa Clotilde e Utinga Leão. A presença desses investimentos industriais na cidade trouxeram o desenvolvimento econômico que poucas cidades alagoanas à época viram (JUNIOR et al, 2020).

Figura 02 – Parte da linha férrea. À esquerda, Fábrica Progresso



Fonte: <https://www.instagram.com/riolargoantigaoficial/>

O potencial hídrico das pequenas quedas d'água formadas pelo rio Mundaú, que passa no centro da cidade, e a construção da linha férrea, contribuíram diretamente para o desenvolvimento industrial de Rio Largo (JUNIOR et al, 2020). Entretanto, a industrialização da cidade não acompanhou o advento da tecnologia, a princípio bastante desenvolvido para a época.

O desenvolvimento manufatureiro do povoamento da então denominada Vila de Rio Largo, decretado em 1830, elevou a vila ao status de cidade em 13 de julho de 1915, através da lei 696 (RODRIGUES et al, 2016). Atualmente, os prédios ocupados pelas confecções encontram-se em ruínas, abandonados, sendo uma pálida lembrança da época de ouro da cidade. Apenas as usinas continuam funcionando.

Próspera, com uma cultura rica, Rio Largo já foi conhecida pelas bandas musicais formadas por funcionários da Companhia de Fiação e Tecidos. Em 1926 foi criada a primeira banda masculina, com o sucesso da criação do conjunto musical masculino. Em 1936, uma banda feminina foi formada por operárias de fábricas, ampliando assim o ensino musical às colaboradoras e filhas dos funcionários, dando origem a uma “jazz-band” feminina. Composta por 50 mulheres, a banda fez sucesso na cidade e fora do Brasil.

Figura 03 - Banda Feminina da CAFT, sob a regência do Maestro Aquino Japiassú



Fonte: <https://www.instagram.com/riolargoantigaoficial/>

Os tradicionais desfiles das bandas marciais e fanfarras aconteciam no centro da cidade. O município também era conhecido pelos blocos de carnaval de rua, sempre acompanhados por orquestras de frevo, e grupos de pastoril e reisado, que foram aos poucos desaparecendo.

Atualmente, além da malha ferroviária, o município possui um aeroporto de porte internacional, importante para economia do estado de Alagoas. Ainda assim, a localidade não conseguiu manter uma linha crescente de desenvolvimento. Assim como os prédios históricos da cidade estão sucumbindo, a cultura local, sem políticas públicas, segue o mesmo destino.

O município tem como filhos ilustres o pianista e professor Joel Bello Soares, e dois ex-governadores: Arnon Afonso de Farias Melo, advogado, jornalista, político e empresário, e o militar Luiz de Souza Cavalcante.

Vale salientar que a instalação da Usina Utinga Leão no município, iniciando suas atividades na região em 1894 (RODRIGUES et al, 2016), ascendeu Rio Largo à classificação de superior na América Latina no setor sucroalcooleiro, na época. Por sua vez, a Companhia Alagoana de Fiação e Tecido propiciou ao município o status de cidade industrial, e posteriormente sua emancipação da cidade de Santa Luzia do Norte.

## As fábricas

No Brasil, a implementação de indústrias têxteis se deu por volta de 1850, chegando a totalizar mais de 42 fábricas de tecidos em 1885, espalhadas pelo país. Na região nordeste, especificamente no estado de Alagoas, a instalação da primeira fábrica têxtil ocorreu apenas em 1857, no distrito de Fernão Velho, em Maceió, denominada Cia União Mercantil (RODRIGUES et al. 2016).

A manufatura permaneceu sem concorrência no estado até 1890, ano em que foi inaugurada a fábrica Cachoeira, responsável pela fabricação de tecidos de algodão crus e brancos, localizada na parte baixa da Vila de Rio Largo (RODRIGUES et al, 2016), na época o território fazia parte do município de Santa Luzia do Norte.

Figura 04 – Vista da vila operária da fábrica Cachoeira. Rio Largo, Alagoas



Fonte: <https://www.instagram.com/riolargoantigaoficial/>

Em 1893, na parte alta da Vila de Rio Largo, os teares da fábrica Progresso, responsável pela produção de tecidos coloridos, segunda manufatura implantada no povoamento, deu início às suas atividades.

Figura 05 - Fábrica Progresso, Rio Largo - Alagoas



Fonte: Site História de Alagoas

A instalação da linha férrea, em 3 de dezembro de 1884, foi um dos principais fatores para escolha do local visando a construção das fábricas têxteis na Vila de Rio Largo (JUNIOR et al 2020). Sendo o principal meio de escoamento da produção e fornecimento de matéria prima, o rio Mundaú também teve um papel importante para o funcionamento das fábricas, devido ao seu grande potencial na geração de energia necessária para movimentar os teares das manufaturas, em razão das quedas d'águas.

A junção do capital das fábricas Cachoeira e Progresso, pouco anos depois da instalação da segunda fábrica, deu origem à Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), conferindo à Vila de Rio Largo condições urbanas mais abrangentes.

Após uma década de funcionamento, a Vila operária da CAFT contava com mais de 400 moradias para os operários da fábrica, além de edificações de lazer, cultura e educação sendo elas, igreja católica, centro médico, cassino, cinema, teatro, grupo escolar, creche, ginásio estudantil, restaurante e obras urbanas, passando assim a representar, na época, a forma mais desenvolvida de uma fábrica têxtil com a vila operária em Alagoas (JUNIOR et al. 2020), o que propiciou a antiga Vila de Rio Largo um relevante desenvolvimento urbano, político e social, ocasionado a sua emancipação em 13 de julho de 1915 do município de Santa Luzia do Norte.

O afastamento da capital era estratégico, pois dessa forma os operários se tornaram mais dependentes das atividades realizadas pelos proprietários da fábrica, que assumiam o papel de Estado ao provisionar além de habitação, lazer, educação, festas cívicas, bandas musicais formadas pelos funcionários, times de futebol etc ( RODRIGUES et al. 2016).

Essa relação de domínio patriarcal pode ser notada também na disposição estratégica da construção da casa do proprietário da fábrica, que tinha uma visão privilegiada das duas manufaturas, além de casas dos operários (JUNIOR et al, 2020). Através do estilo arquitetônico das casas dos operários também era possível distinguir quem exercia cargos de mais importância na fábrica.

Em 1980, os teares da CAFT pararam sua produção devido a uma praga que se espalhou nas plantações de algodão e da concorrência com produtos importados (JUNIOR et al, 2020), resultando em centenas de desempregados e na paralisação do suporte social, cultura e de lazer, o que resultou na migração da população rio-larguense para Maceió, em busca de trabalho, levando a cidade de Rio Largo a ser chamada de “cidade dormitório”.

O termo “cidade dormitório” refere-se ao fato de os habitantes locais precisarem se deslocar para outras cidades para ter acesso a lazer, trabalho, entre outras coisas que antes tinham acesso no próprio município, transformando a localidade em uma espécie de hospedagem, espaço que as pessoas utilizam apenas para dormir.

Atualmente, grande parte das casas da vila dos operários que ainda resistem ao descaso e ação do tempo se encontram abandonadas por seus donos, sendo poucas as residências que estão habitadas e que ainda conservam sua arquitetura original. As demais foram demolidas após apresentar risco de desabamento ou tiveram sua estrutura completamente modificada, perdendo assim suas características.

Vale ressaltar que uma parcela das habitações da vila operária foi doada aos funcionários das fábricas como parte da indenização após o fechamento das duas unidades têxtil no município (JUNIOR et al, 2020).

Figura 06 – Vila operária, Rio Largo - Alagoas



Foto: Valdise Alves.

A falta de reconhecimento do valor histórico por órgãos competentes do patrimônio edificado pela CAFT tem resultado na livre modificação da arquitetura original ou até mesmo na demolição dos prédios. As enchentes do rio Mundaú também é outro fator que ameaça a existência desse legado para as próximas gerações.

Visando preservar o pouco que resta do sítio arquitetônico no município, após anos de descaso e perdas irreparáveis, em 20 de março de 2024 foi aprovada uma lei de autoria da deputada estadual Sâmea Mascarenhas, que autoriza o poder Executivo a criar o Museu de Território Industrial Gustavo Paiva na cidade. A proposta é que se utilize os espaços remanescentes da sede industrial da antiga fábrica de tecidos Cachoeira, situada no bairro Gustavo Paiva, de propriedade da Riolar Empreendimentos S.A, composta de oficina, almoxarifado e conjunto de galpões industriais.

A regulamentação tem como objetivo inventariar, organizar, recuperar e preservar as documentações sobre as fábricas têxteis em Alagoas, que atualmente encontram-se descentralizadas, visando a preservação da história das indústrias têxteis no estado.

## **1. OBJETIVOS**

### **1.1 Geral**

Produzir uma reportagem fotográfica sobre o atual estado de conservação das edificações da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), e seus equipamentos culturais, expondo as transformações urbanas, decorrentes da ação do tempo e do descaso dos órgãos competentes para com o patrimônio histórico da cidade de Rio Largo.

### **1.2 Específicos**

- Compreender a importância histórica do sítio arquitetônico da CAFT na formação do município de Rio Largo através da fotografia, bem como seu valor social;
- Refletir sobre o impacto na paisagem urbana, assim como a perda histórica diante da ausência de políticas públicas;
- Aplicar as teorias do fotojornalismo de registro, documentação e preservação da memória da cidade industrial.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No fotojornalismo, a fotografia é utilizada como um instrumento de reprodução da realidade, utilizada para fins documentais. Ela traz consigo um compromisso social (LOHMANN et al, 2012), mas que ilustra uma matéria. A fotografia relata um fato por meio de uma narrativa imagética, permitindo ao leitor ver o fato noticiado, tal como o fotojornalista o viu.

Uma vez que “a ação do objeto passa a ser ‘congelada’ instantaneamente, a imagem não mentiria.” (LOHMANN et al, 2012), agregando valor e credibilidade à notícia. A fotografia desempenha um papel documental dos acontecimentos históricos, contribuindo diretamente para compreensão do nosso tempo.

Quando empregada de modo sequencial, em uma reportagem, ou seja, seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos narrados, a fotografia proporciona ao receptor a sensação de ser um espectador dos fatos. Essa sequência forma uma narrativa visual e espacial dos acontecimentos (LOHMANN et al, 2012).

O caráter de testemunha da fotografia é contíguo ao de objetividade. Já que a imagem se parece com o real, como vista de uma janela, e é feita por um aparelho que funciona automaticamente, certamente serve como uma testemunha dos acontecimentos. Sua função, assim que começou a ser utilizada nos veículos impressos, era justamente essa: não precisava dar informações adicionais à notícia, apenas servir de testemunha para o que era relatado, dar credibilidade às informações (LOHMANN et al, 2012).

Neste contexto, a fotografia assume um importante papel, como instrumento documental de caráter atemporal dos acontecimentos, para posterioridade, podendo ser revisto em diferentes épocas, servindo como referência para gerações futuras, auxiliando na compreensão dos acontecimentos do presente, uma vez que para compreendermos as atuais ocorrências do tempo vigente, precisamos conhecer o passado.

É frequente pensarmos a nossa relação com a imagem fotográfica, enquanto registro e documento pessoal, histórico, como espelhos de um tempo. (...) a relação que criamos com a fotografia como uma emanção da coisa fotografada, uma conexão próxima das que já foram feitas entre imagens e pessoas em rituais antigos, por exemplo (NEPOMUCENO, 2020).

As imagens fotográficas funcionam não apenas como registro de uma ocorrência, elas atuam diretamente na manutenção e preservação da memória de acontecimentos marcantes para sociedade e seu desenvolvimento. Seja de cunho pessoal ou histórico, os retratos desempenham

um papel fundamental em nossas vidas. Mais que registros, eles contam a histórias dos nossos antepassados, são evidências de onde viemos, que nos serve de parâmetro para compreender nosso contexto atual.

A intenção do profissional de fotojornalismo, ao fazer um registro fotográfico de um fato, é conferir ao leitor um testemunho, ou seja, uma narrativa dos acontecimentos,

A partir disso, podemos ter atenção à construção diagramática, os esforços da síntese testemunhal nas fotorreportagens, como essas formas visuais funcionam como operadores do modo de ver que se instancia “transparente” ao leitor, isto é, pretende mostrar uma cena com um suposto testemunho claro e objetivo, muitas vezes reforçado pela expressão do aspecto cômico: sobretudo o flagrante (ROMÃO, 2020).

Os registros fotográficos carregam consigo fatores importantes, visto que influenciam na construção e no impacto das representações e identificações, sejam elas culturais, sociais ou de cunho pessoal. A fotografia atua diretamente na manutenção e na preservação da história, sendo assim não deve ser desconsiderada ou ter seu valor documental subestimado (BUENO, 2020).

Assim como nos registros imagéticos de cunho pessoal, na fotorreportagem, a fotografia tem como intento resumir em uma imagem os acontecimentos, sem a necessidade de muitas informações adicionais. “Por isso, identificar-se ou se reconhecer na fotografia pode significar um repouso, uma forma de retorno ao passado e um estímulo para o encontro com o presente, que se encontra fora da imagem” (BUENO, 2020).

De acordo com Casadei (2015), a narrativa fotográfica se interpõe como algo atemporal ao contar uma história, sendo o sentido dado primeiramente pelo fotógrafo, suplementado pela interpretação do observador da imagem. O autor destaca, também, que neste contexto o tempo e a duração são reduzidos a um lugar de memória, onde “o acontecimento visual do quadro só advém a partir dessa rasgadura que separa diante de nós o que é representado como lembrado e tudo que se apresenta como esquecimento”.

Assim, é evidente a importância da fotografia documental para manutenção e preservação da memória cultural e histórica. Vivemos tempos efêmeros, onde tudo muda muito rápido, e pouco é conservado. Por isso, é fundamental que resguardemos de alguma maneira vestígios das nossas origens para compreender e refletir sobre esse passado.

### **3. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS**

Para execução deste projeto, a princípio, foi feito um estudo bibliográfico, sobre a história da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), também foi realizada simultaneamente uma pesquisa documental para traçar a cronologia da CAFT. Para tal foram consultados jornais antigos, acervo pessoal dos moradores da cidade, livros, documentários e artigos científicos sobre o tema proposto, que viabilizaram a concretização desta obra.

A partir dessas informações foi feito um levantamento das instalações das fábricas têxteis Cachoeira e Progresso, da cidade operária e seus equipamentos urbanos, com o propósito de identificar quais edificações ainda conservam sua fachada original e o estado atual de conservação, a fim de registrar os prédios históricos ainda existentes, bem como contar sua história.

Para tal propósito, a autora desta obra esteve pessoalmente nestes locais para fazer o registro fotográfico dos imóveis. Assim como buscar por possíveis fontes para entrevistar, como moradores mais antigos de Rio Largo, e os atuais proprietários dos prédios históricos da cidade, visando reunir informações relevantes para construção da narrativa dessa reportagem fotográfica.

Durante o processo de apuração das informações contei com o auxílio da página Rio Largo Antiga Oficial. Idealizada por Vanildo Neto, a página funciona como uma espécie de acervo digital da história da cidade, onde Vanildo compartilha fotos e relatos enviados por moradores mais antigos do município.

Contei também com o auxílio da moradora local Josélia Costa, além de possuir parentesco com uma ex-colaboradora da fábrica Progresso, Josélia trabalhou por uma década, em uma fábrica de fardamentos, chamada MIOS Confecções, em Rio Largo, de propriedade dos Oiticica, parentes próximos da família Paiva, proprietários da CAFT.

O prédio onde funcionava a MIOS Confecções, fábrica onde a Josélia trabalhava, abrigava a antiga sede do “Nosso jornal”, revista periódica, fonte de informações locais, na época. O noticiário fazia parte dos equipamentos culturais da CAFT, as publicações eram feitas pelos estudantes do Grupo Escolar Gustavo Paiva. Atualmente o espaço é ocupado por uma loja de roupas e foi totalmente reformado, perdendo assim suas características originais.

Josélia se mudou para Rio Largo, na época em que a fábrica Progresso ainda estava em atividade, apesar de muitos dos equipamentos culturais ligados a CAFT nesse período já estivessem fora de operação, assim como a fábrica Cachoeira, primeira manufatura a encerrar suas atividades.

Embora a maioria dos prédios antigos se encontre no centro da cidade, muitos tiveram sua fachada totalmente modificada, perdendo assim suas características originais, o que dificultou um pouco encontrar os locais listados por mim a serem fotografados. Josélia Costa ajudou-me na expedição fotográfica pelas ruínas da CAFT, acompanhando-me.

Assim como eu, Josélia foi redescobrimdo a história da cidade. Apesar dela morar há mais tempo em Rio Largo, algumas descobertas foram surpreendentes para ambas. À medida em que minhas pesquisas avançavam descobri que pouco sabia sobre a história por trás de cada construção e de seu papel na formação da cidade.

Uma das descobertas foi a construção de uma piscina com 30 metros de comprimento, pela CAFT, onde eram realizadas competições de salto e natação, frequentada por atletas do CSA, onde hoje funciona a feira municipal, a construção de um aqueduto na década de 50, também pela CAFT, uma obra da construtora Odebrecht. As águas canalizadas por ele movimentavam as turbinas de energia para as fábricas Cachoeira e Progresso e para 500 moradias da vila operária (JUNIOR et al, 2020).

Fig. 07 – Aqueduto construído na década de 50 pela construtora Odebrecht , Rio Largo - AL



Foto: Valdisé Alves.

Todo meu repertório acerca da história de Rio Largo até antes da realização deste projeto era superficial, limitado as histórias sobre as poucas edificações ainda existentes daquela época. Embora tenha crescido e estudado durante todo meu ensino fundamental em escolas desta região, hoje percebo a falta de valorização das origens de Rio Largo nas escolas do município. Como reflexo desse descaso, a história da cidade centenária margeada pelo rio Mundaú vem se perdendo ao longo do tempo, juntamente com prédios.

Por fim, de posse de todo material necessário para produção desta reportagem, foi realizada uma curadoria das fotografias tiradas das fábricas têxteis e seus equipamentos urbanos, e posteriormente realizado o tratamento das imagens selecionadas em programas de edição. Com base no resultado da triagem, foi dado início à parte final do trabalho.

## 4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

### 4.1 Construção da reportagem fotográfica

Entre abril e julho de 2023, foram registradas 194 imagens. Depois de excluir as semelhantes e as que apresentaram problemas técnicos, ainda restaram 84. A etapa seguinte consistiu em selecionar as que melhor se encaixam na narrativa proposta, chegando a 25 imagens.

Foram organizadas, editadas, diagramadas e legendadas de acordo com a ordem de relevância, contexto e informações coletadas durante a pesquisa teórica realizada sobre a trajetória da construção da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido.

### 4.2 Detalhamento técnico

Para produzir a reportagem fotográfica *Tecendo memórias: Reportagem fotográfica sobre as ruínas da indústria têxtil em Rio Largo* utilizei recursos próprios. A viabilidade deste projeto se deve ao fato de eu residir na cidade de Rio Largo, facilitando o deslocamento para apuração, não sendo necessários gastos com alimentação, apenas com transporte de um bairro para outro nos dias de visita aos locais fotografados.

Os equipamentos utilizados para produção foram uma máquina fotográfica Canon t5, uma objetiva 18-55mm, uma objetiva 50mm e notebook Lenovo, ambos os aparelhos próprios. Os programas utilizados na pós-produção foi o Photoshop, da Adobe, para o tratamento das fotos, através do qual fiz pequenas correções nas imagens tais como exposição, contraste, recortes e ajustes na linha do horizonte. Já para desenvolvimento do projeto gráfico e diagramação da reportagem fotográfica o programa utilizado foi o Indesign, também da Adobe.

No projeto gráfico, utilizei a fonte Britanic Bold na capa, e para os demais textos a fonte Arial. As imagens foram organizadas seguindo uma ordem de relevância na narrativa dos fatos, expostas em páginas inteiras e meia página, alternadamente. Por se tratar de uma reportagem fotográfica, utilizei legendas em 13 das 25 fotos visando acrescentar informações, dar sentido à imagem e direcionar o leitor a uma reflexão sobre o tema exposto.

Trabalho de Conclusão de Curso  
Graduação em Jornalismo

Fotografia  
Texto  
Diagramação  
Valdise Alves

Orientação  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janayna Ávila

Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
2024



## O espólio têxtil de Rio Largo

As margens do Rio Mundaú, na cidade Rio Largo, região metropolitana de Maceió, as edificações das fábricas Cachoeira e Progresso e de seus equipamentos culturais desmoronam silenciosamente sem resistência. Andar pelas ruas centenárias da cidade banhada pelo Mundaú causa desalento, ao observarmos os vestígios de um passado glorioso aos poucos sendo apagado por um futuro pouco promissor.

Em outrora, na década de 30, a localidade experienciou o auge industrial, cultural e educacional, consequente a construção da linha férrea, em 1884, na cidade e a instalação de duas unidades de fábricas têxteis. A junção do capital das duas manufaturas, pouco anos depois de suas edificações, deu origem à Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), conferindo a até então Vila de Rio Largo condições urbanas mais abrangentes.

Após uma década de funcionamento, a Vila operária da CAFT contava com mais de 400 moradias para os operários da fábrica, além de edificações destinadas ao lazer, cultura e educação sendo elas, igreja (católica), centro médico, cassino, cinema, teatro, grupo escolar, creche, ginásio estu-

dantil, restaurante e obras urbanas, passando assim a representar na época a forma mais desenvolvida de uma fábrica têxtil com vila operária em Alagoas, o que propiciou ao povoado um relevante desenvolvimento urbano, político e social ocasionado, em 13 de julho de 1915, a emancipação política do município de Santa Luzia do Norte.

Precursora em iniciativas inovadoras visando bem-estar e seguridade social de seus colaboradores sendo a primeira fábrica têxtil a apresentar uma proposta de proteção ao trabalhador, a CAFT se destacava não apenas no estado de Alagoas, sobressaindo-se no cenário nacional e internacional também.

A companhia recebeu prêmios em duas ocasiões: na Exposição Nacional de 1908, realizada no Rio de Janeiro, e na Exposição da Indústria e do Trabalho, em Turim, na Itália, em 1911. Atualmente, os prédios ocupados pelas confecções encontram-se em ruínas, abandonados, e hoje é apenas uma pálida lembrança da época de ouro da cidade vivida na década de 30.

Os teares da indústria fabril pararam sua produção em 1980, devido a uma praga que

3

se espalhou nas plantações de algodão, principal matéria-prima utilizada pela manufatura. Logo, a companhia foi vencida pela concorrência com artigos importados.

O fechamento das manufaturas na região foi o início de seu retrocesso, alterando a dinâmica política, social e cultural da cidade de Rio Largo, causando grande impacto na economia do município e na paisagem urbana, resultando na migração da população rio-larguense para Maceió, capital do estado, e cidades vizinhas, em busca de trabalho. Por conta desse êxodo, Rio Largo passou a ser chamada de "cidade dormitório". A expressão é uma analogia a um local de hospedagem, usado apenas para dormir.

A crise que levou os teares da companhia à paralisação foi apenas um dos fatores que contribuíram para o atual cenário de abandono das edificações da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido. O desinteresse por parte dos herdeiros em preservar e reutilizar os espaços ociosos do sítio arquitetônico da CAFT, a falta de reconhecimento do valor histórico das edificações por órgãos competentes e a ausência de um plano diretor municipal são as razões pelas quais o município vem sofrendo perdas históricas irreparáveis.

Ironicamente, as construções que impulsionaram o progresso da cidade são as mesmas que agora são demolidas em nome do desenvolvimento. Os poucos prédios que ainda resistem à ação do tempo e do descaso são as últimas ligações que existem daquela época com a atual. Nos-

sa geração pouco sabe sobre a história e importância das edificações da CAFT para o desenvolvimento do município de Rio Largo e o impacto na vida de seus habitantes. Mais uma parte da memória do trabalho em Alagoas que se perde no tempo.

Na tentativa de preservar a história das indústrias têxteis de Alagoas e os espaços remanescentes da sede industrial da antiga fábrica de tecidos Cachoeira, que ainda estão em condições de serem restaurados, após décadas de negligência por parte do poder público, foi aprovada recentemente uma lei que concede ao poder executivo a permissão para instalação do Museu de Território Industrial Gustavo Paiva no município, onde funcionava o antigo Departamento de Saúde.

A nova regulamentação é um fôlego de esperança para conservação, ainda que tardia, desse capítulo da história de Alagoas, após perdas imensuráveis. Não resta agora a expectativa que as ações propostas por essa lei sejam tomadas o mais breve possível, antes que estes espaços desapareçam por completo.

Valdise Alves

4



No dia 15 de outubro de 1888 era inaugurada a fábrica Cachoeira, ainda sob o Regime imperial do Brasil. Os teares da primeira manufatura têxtil operaram pela primeira vez em 1890, sendo responsáveis pela fabricação de tecidos de algodão crus e brancos

5



Atualmente, parte do prédio é utilizada como garagem pela empresa Auto Viação Veleiro, enquanto a outra parte está tomada pela vegetação, dando a impressão de em-



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fechamento das fábricas Cachoeira e Progresso na década de 80, devido a uma praga de algodão que se espalhou nas plantações e a concorrência com artigos importados, alteraram a dinâmica política, social e cultural da cidade de Rio Largo, ocasionando grande impacto na economia do município e na paisagem urbana. A oclusão das manufaturas na região foi o início de seu retrocesso.

Contudo, a crise que levou os teares da companhia à paralisação foi apenas um dos fatores que contribuíram para o atual cenário de abandono das edificações da Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT), visto apenas como uma herança, e não como parte do patrimônio histórico da memória do trabalho de Alagoas, por seus herdeiros. A ausência de um plano diretor municipal é uma das razões pelas quais o município vem sofrendo perdas históricas irreparáveis.

Os poucos prédios que ainda resistem à ação do tempo e do descaso são os últimos vínculos que existem daquela época com a atual. Nossa geração pouco sabe sobre a história e importância das edificações da CAFT para o desenvolvimento do município de Rio Largo e impacto na vida de seus habitantes.

Embora recentemente tenha sido aprovada uma lei que concede ao poder executivo a permissão para criação do Museu de Território Industrial Gustavo Paiva no município, utilizando os espaços remanescentes da sede industrial da antiga fábrica de tecidos Cachoeira, após anos de negligência, há perdas irrecuperáveis, uma vez que muito desses prédios já não existem, e alguns não estão em condições de ser restaurados.

O fotojornalismo neste cenário, auxilia na construção e manutenção da memória, assumindo o papel documental de caráter atemporal, conferindo um olhar sobre esse período da história de Rio Largo, servindo como referência para gerações futuras e ajudando na compreensão dos acontecimentos do presente, uma vez que para compreendermos as atuais ocorrências do tempo vigente precisamos conhecer o passado.

## REFERÊNCIAS

BUENO, A. **Fotografia e Identidades Coletivas: visibilidade, engajamento e um breve retorno à Rinha dos Mc's 1.** Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0579-1.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

BARROS, J. A. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço.** In: MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan – Jul/2009, p. 35 – 67. Disponível em <[http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/historia\\_memoria.pdf](http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/historia_memoria.pdf)> Acesso em 11 out. 2024.

CASADEI, E. B. **Podem as imagens estáticas contar histórias? Sintoma e temporalidade nas teorias da narrativa no fotojornalismo.** Brazilian journalism research, v. 11, n. 1, p. 28–43, 2015.

CALHEIROS OLIVEIRA JÚNIOR, Luiz Alberto; PEIXOTO VIANNA, Mônica. **Da tecelagem ao desmonte: Uma análise da arquitetura do complexo fabril têxtil de rio largo, a primeira cidade industrial de alagoas.** Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS, [s. l.], ano 2020, v. 6, ed. 2, p. 1-14, 30 out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/7819/4242>. Acesso em: 5 nov. 2023.

COMENDADOR Teixeira Basto, pioneiro da indústria têxtil de Rio Largo. **História de Alagoas**, [S. l.], p. 1, 17 nov. 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/comendador-teixeira-basto-pioneiro-da-industria-textil-de-rio-largo.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

LOHMANN, R.; MARTINS, A. T.; BARROS, P. **A objetividade no fotojornalismo 1.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1013-1.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MAUAD, A. M. Flávio Damm. **Profissão fotógrafo de imprensa: o fotojornalismo e a escrita da história contemporânea.** História (São Paulo), v. 24, n. 2, p. 41–78, 2005.

NEPOMUCENO, M. M. **Fotografia e história - a alegoria como modo de conhecer 1.** Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1278-1.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

**O COMENDADOR DO POVO.** Direção: Pedro da Rocha. Produção: Pedro da Rocha. Roteiro: Pedro da Rocha. Fotografia de Henrique Oliveira. Alagoas, Brasil: [s. n.], 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WtNUBcaxsy4>. Acesso em: 5 nov. 2022.

R. L. Rodrigues, V. R. Cavalcanti e L. T. F. Hidaka. **De indústria à cidade: configurações urbanas de rio largo/al, séculos XIX-XX.** 7º Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável Contrastes, Contradições e Complexidades, Maceió, Alagoas, p. 1-12, 5 out. 2016. Disponível em: <https://fau.ufal.br/evento/pluris2016/files/Tema%20Planejamento%20Regional%20e%20Urbano/Paper1322.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.

ROMÃO, D. F. **Por Uma Poética Do Jornalismo Visual: Os Modos De Ver De VU E Picture Post 1**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2402-1.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

SOUSA, Jorge Pedro, **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Editora Argos, 2004.

**TECIDO Memória**. Direção: José Sérgio Leite Lopes, Rosilene Alvim e Celso Brandão. Fotografia de Celso Brandão. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRsQU4Pt-QI&t=359s>. Acesso em: 10 out. 2023.